

# Da Ilíada à Bioética: etapas para uma unificação do real?

*From the Iliad to Bioethics: stages for a unification of reality?*

Hubert Lepargneur\*

**RESUMO:** Este texto teve por objetivo discorrer acerca das atuações vitais, com finalidade belicosa ou como pesquisa ou operação de bioética, que comportam analogias que envolvem idênticas capacidades vitais do ser humano. Evocando dois fenômenos bem distintos e suas finalidades, nas estruturas e nas épocas históricas, questionamos se estamos numa evolução que almeja aos poucos uma “globalização universal”, ora com uma ruptura de ordem sobrenatural, isto é, religiosa, ora num processo puramente científico, que teria sido recentemente descoberto com a “física quântica”, ainda enigmático com sua aliança com a física clássica (que ele não substitui, mas complementa). Não entraremos, entretanto, na teoria dos quanta, que possui desde ampla bibliografia, ainda que notadamente incompleta e enigmática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bioética. Teoria Quântica. Literatura.

**ABSTRACT:** This text aims to talk about vital actings, with warlike finalities or as inquiries or bioethical operations, something which holds analogies involving identical vital capacities typical of human beings. Evoking two quite different phenomena and their finalities, in the structures and in the historical times, we question whether we are in an evolution that longs to gradually attain a “universal globalization”, sometimes with a break of a supernatural order, i.e. religious, other times in a purely scientific process, which would have been recently uncovered with “quantum physics”, still enigmatic with its alliance with classic physics (which that one does not substitute for, but complements). We do not intend to discuss quanta theory, which has always had a great many texts about, although very incomplete and enigmatic.

**KEYWORDS:** Bioethics. Quantum Theory. Literature.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procurou, a princípio, analogias estruturais ou de inspiração entre dois campos distintos da atividade humana. Os grandes empreendimentos exigem qualidades individuais e sociais parecidas, apesar da total diferença dos objetivos. Tal é a conclusão que tentamos evidenciar ao comparar o relato célebre de uma guerra e uma pesquisa ou operação bioética, obras eminentemente coletivas, articuladas com outras similares. Sendo a obra literária mais difundida, não comentaremos a Ilíada. Analogias acidentais ou similitudes intencionais nem sempre são óbvias. No canto VIII da Ilíada, Heitor declara à esposa Andrômaca: “Querida, não te afluje. Nenhum homem será capaz de se matar se não for este seu destino”.

1. *Estruturas da Ilíada e da Bioética.* *A priori*, tanto uma guerra vencida, habilmente direcionada, quanto a descoberta da melhor solução de um enigma bioético dependem tanto de acasos quanto de esforços habilmente direcionados. Estes dois campos de reflexão

e comparação não foram escolhidos ao acaso, porque misturam o cálculo e a indeterminação de numerosos fatores. A experiência reduz, mas às vezes por pouco, o aleatório de muitos fatores, em princípio, independentes. A natureza nos envolve e domina, apesar do jogo das analogias.

2. *A vida é uma luta, por vezes próxima da morte.* Apesar desta proximidade, a intenção ou o reflexo do vizinho nem sempre é previsível, nem mais que o resultado de novas experimentações biológicas ou de inovações do inimigo. A diversidade das culturas e histórias, mesmo de povos próximos, pode surpreender, mas constitui uma preciosidade. Cada uma possui habilidades diversas, geradoras de medicinas diversas, que a globalização recente aproximou sem dissolver. Quanto às armas, constituem um próspero mercado que confronta novas tecnologias. As rivalidades possuem um lado positivo, a tal ponto que, durante dez anos, a vitória na *Iliada* se aproximou de um lado antes do outro. A diversidade das motivações não é tão importante quanto a obstinação. A moralidade respectiva dos antagonistas, assim como seus fins e meios, nem

\* Teólogo camiliano. Licenciado em Filosofia. Doutor em Direito pela Universidade de Paris, França.

sempre importam nos resultados; de fato, importa cada vez menos; importa mais a perseverança.

3. *Houve sempre uma presença latente da religião*, como ideologia, virtual ou explícita. Entretanto, as segregações se multiplicam no seio das mais fortes confissões, ainda hoje a cristã e a muçulmana. Esta última progredindo mais rapidamente, ao passo que o fenômeno novo da expansão do secularismo popular castiga regiões da antiga espiritualidade cristã. Essa força age mais em combates militares do que em pesquisa laboratorial. A leitura da Ilíada, escrita há cerca de três mil anos, não permite que se preveja, antes do fim, qual será o campo vencedor, devido ao equilíbrio dos recursos utilizados pelos adversários. Na pesquisa bioética, procede-se por eliminação antes de chegar à dupla alternativa fundamental. Valores religiosos não aparecem frequentemente, mas desempenham papel fundamental em certos setores, sobretudo acerca do direito à vida ou do deixar morrer. Antigas civilizações invocavam muitas divindades, ainda que esse tipo de crença seja permeada por incertezas. A eminente dignidade do ser humano, revestida de certa religiosidade, é um conceito relativamente moderno.

4. *A importância da união*, de certa disciplina, da complementaridade dos dons e das funções é de suma importância. Trata-se sempre da colaboração inteligente, isto é, flexível. A união de inumeráveis povos do passado e ainda do presente apresenta como centro crenças e práticas religiosas, mas o secularismo negador de toda divindade cresce em muitos países desenvolvidos do Ocidente. A questão se vincula ao conceito de *Destino*, cujo sentido difere em contexto religioso e em contexto ateu: cresce o número de pessoas que não acreditam em nada após a morte.

5. *As filosofias implícitas* destas atividades são ostensivamente opostas. Uma visa a destruir setores de vida, e a outra, a reconstruir; mas a dialética da vida da humanidade dificilmente pode eliminar um lado ou outro. A filosofia de uma terra e de uma humanidade bem unificada, talvez esboçada em diversas épocas, numa linha de globalização pacífica e complementar, constitua um feliz e inatingível ideal

que alimenta a filosofia histórica. É preciso sempre tentar recomeçar com novos dados: isto é a história. É a falta percebida e sofrida que suscita toda a criatividade. Os instrumentos de destruição progredem, mas também alguns acordos asperamente disputados conseguem alguns avanços parciais e locais. Sobre qualquer assunto, raramente o sistema democrático, praticado em vasta escala, consegue unanimidade; em cada grupo, alguns contraditores, sinceros ou superficiais, teimam em contradizer a maioria. A ciência luta para obter certo acordo que parece imposto pelo real, mas a própria ciência se declara provisória e não definitiva; opera até se chocar com um dado que contradiz uma de suas proposições ou implicações. Diversos são os desejos, os ativismos, as experiências pessoais e coletivas. Os próprios desejos de todos não são compatíveis. Cada sujeito deve fazer o esforço de um mínimo de adequação com a vontade geral, que Jean-Jacques Rousseau idealizou. A diversidade dos sujeitos é um elemento positivo de todo grupo, se ela se faz mais complementação do que oposição.

6. *Racionalidade e experimentação*. Esta dupla é tão importante quanto complementar em nossos dois terrenos de exame. Em cada caso importa determinar sua aliança; a fragilidade pode estar numa racionalidade incompleta, ou truncada por outro fator, ou numa exigência de reelaboração experimental. A racionalidade suscita a experimentação que testa sua adequação ao real. Algumas descobertas emergiram do acaso, mais descobertas resultaram de um progressivo aprimoramento de experimentações. Inteligência e matéria colaboram sem cessar; essa colaboração deve ser perseverante. E neste plano se desenvolve o progresso tecnológico que alimenta os adversários, que, por sua vez, transformam as táticas, como as artes curativas ou cirúrgicas.

7. *Uma diferença essencial*. Todo o esforço da medicina, ao qual a bioética não pode ser indiferente, tenta eliminar ou atenuar a dor e outros incômodos nos esforços da reconquista de melhor saúde. A violência bélica não recua diante da morte do outro para vencê-lo. A brutalidade dos combates bélicos faz parte de sua essência tradicional. Entretanto, a Ilíada manifesta, em alguns momentos, traços de

profundo humanismo, que desapareceram depois. Os chamados direitos humanos do adversário estão abandonados a um arbitrário raramente humanizador. Atualmente, os “médicos sem fronteiras” que oferecem com benevolência seus cuidados a um lado muito vulnerável são, por vezes, rechaçados por dirigentes desumanos, subordinados a impotentes dirigentes de importantes organizações mundiais. Em hospitais, a iatrogenia enfrenta ainda frequentes desafios. A prevenção representa outro campo de combate, quase ilimitado, no qual importa a formação do público de todas as idades; ela não pode ser infalível. Além dos erros na utilização de remédios, outras crises, não raras, vêm da produção de fármacos errados.

8. *Ressalvas nas inovações.* Com aliados pode-se facilmente comunicar opiniões diversas que sirvam de benefício comum. As posições de pura conveniência, econômica ou política, são nocivas. Graves crises ocorrem quando um laboratório oculta por muito tempo, na comercialização de novos produtos, efeitos que se revelam gravemente nocivos.

9. *Lições da história.* A obra de René Girard gira sobre o papel do “desejo mimético”, suscitando invejas e guerras, tradicionalmente saneadas pelo sacrifício de uma vítima inocente. A Ilíada termina por força ou maior esperteza de uma parte. Os gregos propuseram ofertas que foram aceitas, o que salvou a cidade de Troia e permitiu aos gregos a volta para sua terra. A agressividade deve se converter em colaboração. A natureza humana pede uma unidade pacífica que permanece, nos melhores casos, como um desejo que deve orientar tanto o futuro individual como o coletivo.

10. *Experimentações e resultados.* Tanto a guerra quanto a Bioética procuram, não de maneira clara, mas de forma real, um mundo melhor unificado, cuja atual “globalização” é uma medíocre realização. Julgamos pelos resultados. Entre diversos programas, há mais de meio século surgiu a *Física Quântica*, que concerne à micromatéria de que tudo seria composto, cujas leis nem sempre entendemos, mas constatamos. Ela nos introduz num mundo diferente, enigmático, que forma o real, combinado

com a *Física Clássica*, que melhor conhecemos pelas experiências em nossa escala. Ao nosso redor, como na Ilíada, tudo parece instável, mas tal instabilidade talvez oculta uma evolução que, esperamos, pode resultar em um universo pacífico e unificado. Algumas religiões, como o *Cristianismo*, nos prometem um fim deste mundo que “desembocaria”, pelo menos para os “justos”, no “Reino de Deus”, o *Pleroma* ou *Corpo Místico de Cristo*, ou em uma humanidade pacificada num cosmo dominado.

11. *Unidade cósmica da física quântica.* É o campo científico hoje mais investigado, que diz respeito à evolução sobre uma unidade cósmica que englobaria a totalidade do ser material e espiritual, dispensando as versões religiosas (o “sobrenatural”), míticas ou econômico-políticas, ultrapassando a física de Newton, a biologia de Darwin, a psicanálise de Freud e as outras disciplinas que estudaram porções reduzidas do real, do Ser total. O ponto de partida é o estudo das partículas mais elementares de todo o real, cujas leis são ainda desconhecidas, mas cuja realidade está comprovada empiricamente, correspondendo a certos cálculos prévios. Não cabe resumir nem retrair aqui essa história que já possui ampla bibliografia. Citaremos apenas algumas reflexões sugestivas de um dos mais recentes e confiáveis estudos do tema, o de Danah Zohar. “A física quântica levanta a questão da consciência e da significação da existência humana” (p. 271)<sup>1</sup>. Esta física não substitui as anteriores, mas completa a física clássica. Existiria “uma coerência em todos os tecidos vivos, inclusive no próprio DNA” (p. 273)<sup>1</sup>, vinculada à criatividade vital, mesmo que ela não crie diretamente a autoconsciência. “A física da consciência humana é a física do ‘vácuo’ quântico, vinculado à teoria do campo quântico” (p. 278)<sup>1</sup>. Tal concepção é encontrada em Júlio Huxley, para quem o ser humano é a evolução que tomou consciência de si. Tais evocações não significam que adotamos pessoalmente todas as implicações das novas teorias; evocamos simplesmente a existência de um saber ainda novo e incompleto que propõe, com sérios apoios científicos, uma resposta à aspiração de uma finalidade totalmente unitiva da evolução.

---

## **REFERÊNCIA**

1. Zohar D. O ser quântico, uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência, baseada na nova física. 15a ed. São Paulo: Best Seller; 2010. 305 p.

---

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

Homero. A Ilíada. 2a ed. São Paulo: Paumape S.A.; 1991.

---